

CLARICE LISPECTOR E A CRÔNICA DE VIAGEM

Fátima Cristina Dias Rocha (UERJ)

fanalu@terra.com.br

Clarice Lispector viveu quinze anos fora do Brasil, de 1944 a 1959. Durante esse tempo, ela residiu em Nápoles, Berna, Torquay e Washington, permanecendo nesses locais por períodos que variaram de seis meses (como na Inglaterra) a sete anos (nos Estados Unidos). Além das cidades com que se envolveu mais intimamente, Clarice conheceu muitas outras: Lisboa, Paris, Florença, Córdoba, Cairo, Casablanca, sem contar com as vilas africanas e as aldeias italianas que visitou.

Sobre todos esses lugares, a autora compôs registros e comentários sensíveis e argutos, que tanto desenharam a geografia e a atmosfera do local, quanto figuraram a paisagem interior da "turista aprendiz". Como a maior parte de tais registros encontra-se nas numerosas cartas de Clarice Lispector às irmãs e aos amigos – notadamente Lúcio Cardoso e Fernando Sabino –, é pertinente dizer que a chamada literatura de viagens clariciana se faz em simbiose com o gênero epistolar. Algumas vezes, mimetizando o périplo de Clarice Lispector, as notas e comentários da aprendiz de turista migram da carta para a crônica; outras vezes, mais raras, a escritora reserva para a crônica as suas impressões de viajante.

Este trabalho volta-se para a literatura de viagens elaborada por Clarice Lispector, investigando os traços que a singularizam e procurando responder a perguntas como: quais são as inquietações e perplexidades da Clarice viajante? Que cenas e cenários a atraem? Com que disposição os registra? Que estilo adota ao fazer tais registros?

Para responder a essas indagações e na tentativa de esboçar um perfil da crônica de viagem de Clarice Lispector, percorreremos a sua correspondência e, menos freqüentemente, as suas crônicas – estas últimas reunidas nos volumes *Para não esquecer* (que contém as crônicas publicadas na revista *Senhor*, em 1962, e que integravam a segunda parte de *A legião estrangeira*, intitulada "Fundo de gaveta") e *A descoberta do mundo* (coletânea das crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973).

CRÍTICA LITERÁRIA I

Começamos, então, acompanhando a jovem escritora que, em fevereiro de 1944, deixa o Rio de Janeiro, logo após a publicação de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. Clarice e o marido vão para Belém, onde ficam até julho de 1944.

Numa carta de Belém, de 18 de março de 1944, endereçada às irmãs, Clarice inaugura uma pergunta e uma disposição de espírito que a acompanharão ao longo de seu "exílio" na Europa e nos Estados Unidos: "*Que contar a vocês, quando o que eu desejo é ouvir? A vida é igual em toda parte* e o que é necessário é a gente ser a gente". (Lispector, *apud* Gotlib, 1995, p. 175) (Grifos nossos).

Assim, se "a vida é igual em toda parte", a matéria de que Clarice se ocupa nas cartas de Belém é ... a própria Clarice, que talvez desse modo tentasse "ser ela mesma". Com efeito, dirigindo-se a Lúcio Cardoso, em 6 de fevereiro de 1944, a autora diz:

Estou aqui meio perdida. Faço quase nada. Comecei a procurar trabalhar e começo de novo a me torturar, até que resolvo não fazer programas; então a liberdade resulta em nada e eu faço de novo programas e me revolto contra eles. (Lispector, 2002, p. 36).

Confissões como esta deixam evidentes dois traços que caracterizarão fortemente a Clarice Lispector viajante: a dolorosa experiência de vida longe dos familiares e amigos e as dificuldades e dilaceramentos da escrita. Esses traços, referidos obsessivamente pela missivista, serão responsáveis, em grande medida, por sua freqüente falta de entusiasmo pelos consensualmente belos e atraentes lugares que conhece e por sua pouca permeabilidade à vida nesses lugares.

Tais traços se intensificam quando Clarice vai para Nápoles, cidade em que permanecerá de agosto de 1944 a abril de 1946.

A caminho de Nápoles, a escritora passa, ainda no Brasil, por Natal – "cidadezinha sem caráter"; depois, pela África-Libéria, Bolama e Dacar; por Lisboa; e novamente pela África-Casablanca e Argel.

De Argel, em 19 de agosto de 1944, Clarice escreve para as irmãs, abrindo a carta com uma confissão semelhante à que já lhes fizera de Belém:

Na verdade eu não sei escrever cartas sobre viagens; na verdade nem sei mesmo viajar. É engraçado como, ficando pouco em lugares, eu mal

vejo. Acho a natureza toda mais ou menos parecida, as coisas quase iguais. Eu conhecia melhor uma árabe com véu no rosto quando estava no Rio. (Lispector, 2002, p. 49) (Grifos nossos).

Além de achar "a natureza toda mais ou menos parecida", a "aprendiz de viajante" também reconhece numa cidade como Casablanca as marcas de outras cidades, como hábitos e costumes que, nascidos em outros lugares, já haviam ganhado o mundo:

Casablanca é bonitinho, mas bem diferente do filme Casablanca...As mulheres mais do povo não carregam véu. É engraçado vê-las com manto, véu, e vestido às vezes curto, aparecendo sapatos (e soquete) tipo Carmem Miranda. (Lispector, 2002, p. 49).

A descrição mais detalhada dessa primeira viagem ao exterior encontra-se numa carta para Lúcio Cardoso, escrita logo depois da chegada a Nápoles. Nessa "carta da travessia", a chamada literatura de viagens é "resultado de uma bem dosada combinação de crônica e registros quase diários, e todos, acentuadamente, de feição autobiográfica". (Gotlib, 1995, p. 189).

Com efeito, na parte referente à chegada à costa africana, o ritmo é o do diário de bordo ou da carta de navegação, não faltando um certo tom arcaizante: "No dia seguinte embarcamos de novo e tomamos em Bolama, possessão portuguesa, onde almoçamos. Seguimos até Dacar, aí ficamos duas horas". (Lispector, 2002, p. 54).

Segue-se a crônica da vida mundana lisboeta, que ganha comentários por vezes cruéis, a que a viajante acrescenta a figuração de sua própria inquietação e, por fim, algumas tomadas plásticas das belezas de Lisboa:

Todo o mundo é inteligente, é bonito, é educado, dá esmolas e lê livros; mas por que não vão para um inferno qualquer? (...) Lisboa deve ser horrível para se viver e trabalhar. Como disse Maria Archer, o mal dos portugueses é a dignidade. Eu, pelo menos, não sei se pela situação especial de espera e ansiedade, experimentei um desassossego como há muito não sentia. Mas de algum modo a gente se sente mesmo como se estivesse em casa – talvez por isso, quem sabe? Mas vi coisas lindas. O bairro de Alfama, por onde nasceu a cidade, é verdadeira Idade Média. Seus personagens, Lúcio, dariam urros de alegria vendo aquilo de noite, com pescadores, com cheiro de peixe, mofo e frio. (Lispector, 2002, p. 55).

Entretanto, embora passeie, em sua missiva, pela carta de navegação e pela crônica de viagem – registrando a atmosfera intelec-

CRÍTICA LITERÁRIA I

tual e existencial de Lisboa, além de seus encantos físicos e históricos –, a escritora volta a afirmar:

As coisas são iguais em toda a parte – eis o suspiro de uma mulherzinha viajada. Os cinemas do mundo inteiro se chamam Odeon, Capitólio, Império, Rex, Olímpia; as mulheres usam sapato Carmen Miranda, mesmo quando usam véu no rosto. A verdade continua igual: o principal é a gente mesmo e só a gente não usa Sapatos Carmen Miranda. (Lispector, 2002, p. 55)

Para Nádia Gotlib, a viajante Clarice Lispector encontra-se num território movediço, no qual critérios de valoração e de classificação se embaralham e geram dúvidas: o que é novo e o que é comum? Nada é formidável? Ou tudo é formidável?

E, ainda na "carta da travessia", Clarice desfaz o gênero a que parece aludir, quando escreve:

Na manhã seguinte chegamos a Fisherman's Lake, na Libéria, onde passamos um dia e uma noite. Eu precisava me repetir: isso é África – para sentir alguma coisa. Nunca vi ninguém menos turista. (Vi muitas coisas mas não só tenho preguiça de contar, como de lembrar). (Lispector, 2002, p. 54) (Grifos nossos).

Deste modo, a "viajante-não viajante" precisa conscientizar-se de que tem algo a ver e a contar. Em alguns momentos, Clarice faz um esforço no sentido de colocar-se em disponibilidade para a nova matéria do ver e do narrar. Esta se oferece mais fácil e abertamente em Nápoles, cidade cuja descrição ganha ares líricos, com pintura de formas e cores dos lugares, coisas, pessoas e palavras:

Isso aqui é lindo. É uma cidade suja e desordenada, como se o principal fosse o mar, as pessoas, as coisas. As pessoas parecem morar provisoriamente. E tudo aqui tem uma cor esmaecida, mas não como se tivesse um véu por cima: são as verdadeiras cores. Um edifício novo aqui tem um ar brutal. Às vezes eu me sinto ótima; às vezes simplesmente não vejo nada, não sinto nada. Estou lendo em italiano porque é o jeito. A palavra mais bonita da língua italiana é *gioia*, embora alegria também seja bonito. (Lispector, 2002, p. 56).

Exercitando sua veia descritiva e pictórica, a escritora esboça um conceito de beleza muito próprio – que inclui o sujo e o desordenado –, e que a sua literatura de viagens irá decantar: a beleza asséptica de Berna, por exemplo, será rejeitada por Clarice; a beleza excessiva de Posilipo, como se verá logo adiante, assustará um pouco a "turista neófita".

Em Nápoles, Clarice Lispector procura integrar-se à rotina da cidade e à sua rotina como escritora. É o que afirma em carta a Lúcio Cardoso: "Não consigo lhe dar a idéia do que é isto aqui. Nem de mim mesma. Não sei o que está me fazendo triste e cansada. Talvez eu precise começar a trabalhar de novo – certamente é isso (...)". (Lispector, 2002, p. 58).

Quanto a Nápoles, a autora faz, em suas cartas, breves crônicas da cidade, registrando, à maneira de um repórter, mas de modo muito pessoal, o que lhe vai passando pelos olhos:

Aqui as ruas são atapetadas de bambinos, principalmente os becos. A gente fica boba para passar entre eles (nos becos todos vivem na rua, cozinham até), crianças que engatinham, crianças que já têm ar sabido, imundas, com aspecto saudável na maioria, com a carinha vegetativa, sentadas ao chão. (Lispector, 2002, p. 64).

Já ao refletir sobre as dificuldades da escrita, Clarice se serve da contundente imagem da mulher sem lugar ou sem visão, como nesta passagem em que, mais uma vez, dirige-se ao amigo Lúcio Cardoso:

O que importa é trabalhar, como você tantas vezes me disse. E é isso o que eu não tenho feito. Minha impaciência chega a ser tão grande que às vezes me dói. Assim não tenho gostado verdadeiramente da Itália, como não poderia gostar verdadeiramente de nenhum lugar; sinto que há entre mim e tudo uma coisa, como se eu fosse daquelas pessoas que têm os olhos cobertos por uma camada branca. Sinto horrivelmente ter que dizer que esse véu é exatamente minha vontade de trabalhar e de ver demais. (...) Gostaria de tal, de tal forma poder trabalhar sem parar. Mas não consigo, as coisas me vêm esparsas – e além disso eu de tal modo desconfio de mim, com medo de escrever facilmente com a ponta dos dedos, que nada faço. Quer me animar, Lúcio? (Lispector, 2002, p. 63).

Nessa mesma carta em que dirige um apelo a Lúcio Cardoso, escrita em 26 de março de 1945, o tom pessimista dá lugar à surpresa e ao encantamento diante das novas paisagens que conhece:

Um dia desses fui ver a lava do Vesúvio. Tenho um pedaço feio de lava para você. Depois de um ano ainda estava quente; é uma extensão enorme, negra, de vinte a trinta metros de altura; a gente anda sobre casas, igrejas, farmácias soterradas. (...) Com certeza eu já lhe disse que o mar aqui é absolutamente azul; (...). E certamente já lhe falei em Posilipo, que é um lugar. Em grego quer dizer pausa da dor. A dor realmente fica um instante suspensão, tão doces são as cores, tão sem selvageria, tão belo, tão belo é o lugar com mar, árvores, montanha. A minha impressão é quase ruim: há coisas bonitas em excesso, eu parece que não tenho

CRÍTICA LITERÁRIA I

tempo ou força, o fato é que ficaria mais calma com uma. (Lispector, 2002, p. 71) (Grifos nossos).

Assim, a beleza em excesso parece assustar a Clarice "paisagista", que, à maneira do que faz em sua ficção, se serve de expressões antitéticas para representar as sensações que não cabem nos limites das vivências – e das palavras – cotidianas.

Também no relato de sua viagem a Florença, o encantamento pela cidade, "que é uma maravilha", se mistura a uma sensação de "opressão" causada por tantas obras de arte. Depois de contar que viu obras de Michelangelo, Botticelli, Rafael, Benevenuto Cellino, Brunelleschi, Donatelo, o palácio dos Médicis, a "turista *blasé*" acrescenta: "(...) tudo isso abafa muito e eu chegava a ter uma impressão de alívio quando sabia que uma certa galeria estava fechada por causa da guerra porque isso nos impedia de ver". (Lispector, *apud* Gotlib, 1995, p. 213).

Em outra carta, mais uma vez endereçada às irmãs, Clarice expõe o sentimento de perda da terra e das pessoas do Brasil, o qual dá às suas missivas, nessa fase, um tom aflito e desesperançado: "(...) sinto verdadeira sede de estar aí com vocês. A água que eu tenho encontrado por este mundo afora é muito suja, mesmo que seja champagne". (Lispector, 2002, p. 73). Algum tempo depois, o tom amargo e desalentado se intensifica, dando à "sujeira" de Nápoles uma conotação diferente da que lhe atribuíra a viajante ao chegar à cidade – conotação mais próxima à da "água suja" que a "estrangeira" vinha encontrando "por este mundo afora":

Está tudo bem, não há nada a fazer. Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs. (...) O cachorro é a pessoa + pura de Nápoles... Se você visse como esta cidade é suja. (Lispector, 2002, p. 75-6).

Assim, se a "turista aprendiz" chegara a Nápoles com um ar de desorientação encantada – afirmando sua quase nenhuma disponibilidade para as belezas e peculiaridades dos lugares que conhecera durante a viagem, mas permeável às cores, à gente e aos aspectos desordenados da cidade onde se estabeleceu –, Clarice Lispector sai de Nápoles ainda menos turista do que quando ali chegara. A julgar pelo trecho transcrito acima, em lugar da turista aprendiz, quem retorna da Europa é a estrangeira em Nápoles, sem amigos, sem profissão, sem esperanças.

Depois de permanecer um breve tempo no Rio de Janeiro – em que aproveita para divulgar o romance *O lustre* –, Clarice vai para Berna com o marido, lá ficando por três anos.

As primeiras impressões de Berna estão registradas na "carta em conjunto" que, em 21 de abril de 1946, Clarice escreve para Fernando Sabino e outros amigos. Apesar de breve, a descrição antecipa as muitas outras que, em carta ou em crônica, a escritora fará sobre a cidade suíça:

Berna é linda e calma, vida cara e gente feia; com a falta de carne, com o peixe, queijo, leite, gente neutra, termino mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que eu encontrar; falta demônio na cidade... (Lispector, *apud* Sabino, 2001, p. 9-10) (Grifos nossos).

Ainda nessa carta, tal como fizera ao chegar a Nápoles, Clarice elabora a sua crônica de viagem, na qual se percebe o esforço por escapar dos olhares, sensações e saberes catalogados nos guias turísticos:

Passsei uns três dias em Natal, passei pela ilha de Ascensão, Libéria, Dacar. (...) E então fui simplesmente para o Cairo, onde passei uns dois dias. Vi as pirâmides, a esfinge (...). Falar em esfinge, em pirâmides, em pilastras, tudo isso é de um mau gosto horrível. É quase uma falta de pudor viver no Cairo. O problema é sentir alguma coisa que não esteja prevista num guia. Cairo tem um ar internacional, explorado e sabidinho. Fui a um cabaré egípcio (...) e vi *la danse du ventre* (...) dançada ao som de *Mamãe eu quero*. Eu quase tenho vergonha de dizer que as pirâmides são assustadoras, principalmente de noite, sem lugar, e que a esfinge me impressionou. Mando a fotografia – fotografia é muito mais nítida e mais bela que o original; com a fotografia tem-se imediatamente uma sensação que diante da esfinge é mais lenta e mais difícil. (Clarice, *apud* Sabino, 2001, p. 10).

Ao invés do deslumbramento, predominam as impressões de mau gosto e de vergonha, que farão Fernando Sabino, na resposta à carta da amiga, atribuir-lhe um

...*temperamento antiturista por excelência*, conversando pirâmides, Egíptos e faraós que ninguém conversa, com ar de intimidade repousada e satisfeita, (...), com ceticismo apenas tolerante ante o pobre misteriozinho da Esfinge (...). (Sabino, 2001, p. 13-4) (Grifos nossos).

De fato, a "antiturista" Clarice Lispector insurge-se contra as verdades cristalizadas e imutáveis – contidas nos guias turísticos – sobre o lugar e o que há nele de valor. Clarice percebe que, quando os guias elogiam o local, exercem pressão sobre o visitante por um

CRÍTICA LITERÁRIA I

entusiasmo que esteja à altura de seu próprio entusiasmo abalizado. A escritora resiste a esse tipo de intimidação, procurando suas próprias categorias de valor, sem acompanhar as hierarquias de outros.

A beleza, a calma e a neutralidade de Berna – traços que a vi-ajante perspicaz reunira na expressão "Falta demônio na cidade" –, voltam a compor a primeira descrição da cidade para as irmãs. Numa linguagem que beira a da crônica, a escritora descreve Berna em ritmo cadenciado, com toques de humor e imagens inusitadas:

É uma pena eu não ter paciência de gostar de uma vida tão tranqüila como a de Berna. É uma fazenda. (...) Às vezes se vêem camponesas, de alguma cidadezinha perto, vestidas com os trajes regionais, o rosto vermelho, honesto, com olhos azuis – os olhos são tão honestos que nem parecem observar. (...) E o silêncio que faz em Berna – parece que todas as casas estão vazias, sem contar que as ruas são calmas. Dá vontade de ser uma vaca leiteira e comer durante uma tarde inteira até vir a noite um fapo de capim. O fato é que não se é a tal vaca, e fica-se olhando para longe como se pudesse vir o navio que salva os náufragos. (Lispector, 2002, p. 80).

Essas primeiras impressões da cidade – sua beleza insossa, o silêncio aterrador, o tédio esterilizante e o caráter laborioso e neutro de seus habitantes – vão se manter e até mesmo se intensificar. "Náu-fraga" em Berna, Clarice mostra-se descrente, experimentando mais uma vez a sensação da "mulher sem lugar":

É engraçado que pensando bem não há um verdadeiro lugar para se viver. Tudo é terra dos outros, onde os outros estão contentes. É tão esquisito estar em Berna e tão chato este domingo. Parece com domingo em S. Cristóvão. (Lispector, 2002, p. 80).

Clarice Lispector, por vezes, atribui a aversão que sente por Berna ao seu próprio estado de espírito ou à sua condição de escritora – e de escritora que vive uma grave crise:

Posso passar horas sentada numa poltrona, sem mesmo um livro na mão, (...) só sentada, esperando que passem as horas e que venham outras iguais. Esta Suíça é um cemitério de sensações... (...). Eu odeio um pouco isto aqui. Já não sei dizer se é porque estou tão só, já nem sei se é isso, porque se eu fosse alegre poderia trabalhar e aproveitar esta solidão, (...). (Lispector, *apud* Borelli, 1981, p. 117).

Concluindo as impressões sobre os primeiros tempos em Berna, a escritora procura apaziguar a sua inquietação interior, o que a

conduz a uma maior disponibilidade para as atrações da Suíça e de Berna:

Continuo a achar a cidade muito bonitinha. Há passeios deliciosos à beira do rio Aar. Se isso é nome de rio. (...) Enfim, a vida pode ser muito agradável aqui, muito pacífica; pode-se trabalhar, passear, e com um carro conhecer a Suíça. (Lispector, *apud* Borelli, 1981, p. 121).

Passeando pela Suíça, a turista vai a Lausanne, e de lá, em 13 de julho de 1946, escreve uma belíssima carta às irmãs, na qual, já que esquecera de levar a máquina fotográfica, procura tirar um retrato do lugar, do momento e de suas próprias sensações:

(...) escrevo de Lausanne, sentada no parapeito do lago Lemman. Perto tem uma orquestra com uma mulher tocando violino, (...). Junto tem um hotelzinho estreito chamado Hotel du Port. Há montanhas a pique na outra margem do lago. Há uma fontezinha dividida em três ramos sobre uma bacia de pedra. Há uma criança comendo um biscoito. Uma mulher de chapéu branco num barco. (...) O lago é enorme e transparente. Junto de mim é esverdeado. Mas do meio para o fim está da cor do céu e a montanha mesmo está da cor do céu. (...) Isso que eu estou sentindo pode-se chamar de felicidade. Só que a natureza se faz tão estranha que o próprio momento de felicidade é de temor, susto e apreensão. (Lispector, 2002, p. 90).

Nesta passagem, a veia descritiva de Clarice mostra sensibilidade pictórica e forte apelo visual, com pormenores de perspectiva e cor. Deste modo, a missivista compõe um retrato comentado não apenas da paisagem suíça, mas de um momento experimentado esteticamente:

Toda esta carta foi uma tentativa malograda de tirar um retrato deste lugar junto do lago Lemman, porque esqueci de trazer a máquina. E aproveitei a ausência da máquina para tirar o retrato deste momento também. (Lispector, 2002, p. 91).

Um auto-retrato ou um retrato de seu estado de espírito – destacando-se o isolamento em que vive, as dificuldades para escrever e, compensatoriamente, a alegria com a chegada da primavera – é o que Clarice expõe em carta a Lúcio Cardoso, de 23 de junho de 1947:

Aqui nada de novo. Eu com o desejo permanente de voltar para o Brasil, não sei quando vamos. Ou então de viajar sem cessar, mas sobretudo não ficar parada gratuitamente num lugar. No meio disso tudo felizmente veio a primavera e você não pode imaginar que boa notícia é a primavera depois de um inverno longuíssimo. Logo que ela chegou passei uns dias meio boba, tomando qualquer sol que aparecia, farejando

CRÍTICA LITERÁRIA I

flor onde tivesse nascido. Uma das coisas que faço na Europa é mudar de estação... (Lispector, 2002, p. 134).

O apelo a uma comunicação mais assídua antecede a descrição do lugar em que reside e da sua rotina, num trecho em que a crônica da vida familiar ganha versão lírica:

Me escreva quando você puder, quando você quiser (...). Meu endereço é: Gerechtigkeitsgasse, 48. Defronte da casa está a fonte da Justiça com estátua respectiva, rodeada de gerânios. E como meu quarto dá para os telhados, tenho de vez em quando a visita de dois gatos, um preto e outro pardo, (...). Tenho também pelas vizinhanças mil pardais; dois fizeram ninho na janela da cozinha e para grande hilaridade da cozinheira carregaram no bico, como material, vários cabelos meus, dos que caem na primavera. (Lispector, 2002, p. 135).

Numa outra carta escrita a Lúcio Cardoso, em agosto de 1947, a escritora comenta, mais uma vez, sua condição de estrangeira na Europa. Reflexão bastante lúcida, na qual a antiturista alude novamente à sua vergonha – que agora se confunde com a culpa por sentir-se desconfortável numa cidade bela e próspera como Berna:

É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz; o motivo maior das coisas nunca se mostra a um estrangeiro, e os moradores de um lugar também nos encaram como pessoas gratuitas. Para mim, se foi bom, como um remédio é bom pra saúde, ver outros lugares e outras pessoas, já há muito está passando do bom, está no ruim (...). Embora agora mesmo esteja envergonhada de ser assim, porque enquanto escrevo a catedral está batendo os sinos; fico envergonhada de não viver bem em qualquer lugar onde uma catedral bata sinos, onde haja um rio, onde as pessoas trabalhem e façam compras; mas é assim mesmo. (Lispector, 2002, p. 146).

Berna – essa cidade que tem uma catedral e um rio e na qual as pessoas trabalham e fazem compras –, além de "ocupar" a correspondência de Clarice Lispector, forneceu o tema para várias de suas crônicas – muitas delas compostas a partir da reelaboração das impressões registradas nas cartas.

As paisagens da Suíça, por exemplo, alimentam algumas crônicas em que Clarice faz uma crítica de comportamento, nascida da reação da espectadora estrangeira, ao analisar a cultura do país, em função, naturalmente, da sua própria cultura. Um dos traços fundamentais dessa paisagem é o silêncio – uma extensão, aterradora e angustiante, da paz e da neutralidade de Berna. Tema da crônica "Noite

na montanha" – reaproveitada no romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* –, o silêncio é descrito nas suas múltiplas configurações em função das também múltiplas reações que se vai tendo diante dele, para disfarçar, dissimular, fugir, enganar, até que, como um fantasma, ele possa ser reconhecido em qualquer cidade e em qualquer tempo.

Na crônica "Berna" – publicada inicialmente na revista *Senhor* –, fica evidente a inquietação que suscita uma "beleza perfeita", produto de imobilidade e equilíbrio, sob o signo da ordem:

(...) a cena suíça tem um excesso de evidência de beleza. Após a primeira sensação de facilidade, segue-se a idéia do indezavável. Cartão-postal, sim. Mas aos poucos a imobilidade e o equilíbrio começam a inquietar. (Lispector, 1999, p. 103).

Já na crônica "A catedral de Berna, domingo à noite", incluída em "Fundo de gaveta" – e republicada no *Jornal do Brasil* com o título "Desmaterialização da catedral" –, ao enfatizar o ato plástico da pintura da paisagem pelo jogo de luz e transparência, a cronista, em êxtase diante do espetáculo visto, representa o próprio gesto criativo, flagrado em processo, na sua pureza de ato estético:

Todos os domingos de noite (...) acendem o que me pareciam milhares de lâmpadas em volta do contorno da Catedral, gótica, dura, pura. O que acontecia então é que, a distância, tudo o que era pedra rugosa se transformava em lúcido desenho de luz. Esta desmaterializava o compacto. E por mais que a vista alerta quisesse continuar a enxergar o impacto de uma parede, sentia que o transpassava. Atingindo, não o outro lado da transparência, mas a própria transparência. Parecia a transparência do que se imagina deve ser uma noite de Natal. (Lispector, 1984, p. 709).

Entretanto, para a antiturista que reside em Berna durante três anos, a cidade fica marcada pelo silêncio, pela beleza excessiva e pela monotonia de "uma longa tarde de domingo". Por isso, a volta ao Brasil é vivida como uma libertação:

(...) que não espere, por isso, me ver voltar aos pulos de alegria e aos risos: nunca se viu ninguém sair da prisão aos risos: a alegria é muito mais profunda, e também o tempo de contenção e a obrigação de paciência ensinam a calma. (Lispector, *apud* Gotlib, 1995, p. 258).

Clarice retorna ao Brasil em 1949, ano em que é publicado o seu romance *A cidade sitiada*, concluído em Berna. No final de 1950, a família vai para Torquay, na Inglaterra, onde passa seis me-

CRÍTICA LITERÁRIA I

ses. Como fizera anteriormente, logo após chegar, Clarice envia à irmã notícias sobre a cidade, descrevendo o lugar, as pessoas e os costumes: "Aqui tipicamente cidade pequena, tem cheiro de Berna. Sem ser por pouco tempo, seria chatíssimo. Todo o mundo é mais ou menos feio, com chapéus horríveis (...)" (Lispector, 2002, p. 191).

Mais uma vez, essa espécie de literatura de viagens reverte em notas sobre o valor estético, reiterando o conceito de beleza da falta de beleza, que contrasta com o belo asséptico e sem graça da paisagem suíça:

(...) apesar de Torquay ser tão chatinho, gosto da Inglaterra. A falta de sol, certas praias com rochas escuras, a falta de beleza – tudo isso me emociona muito mais do que a beleza da Suíça. Por falar nesta, cada vez mais a detesto. (Lispector, 2002, p. 192).

Tal "preferência pelo feio intenso em contraposição ao belo inosso" (Gotlib, 1995, p. 276) também se mostra nos comentários sobre Londres, reunidos na crônica "As pontes de Londres", publicada no *Jornal do Brasil*, em 20 de novembro de 1971:

Todas as vezes que penso em Londres revejo as suas pontes. (...) Vi em Londres uma terra estranha e viva, cinzenta – tudo o que é cinzento misteriosamente vibra para mim, como se fosse a reunião de todas as cores amansadas.

Estive em contato com a feiúra dos ingleses, que é uma das coisas que mais atrai na Inglaterra. É uma feiúra tão peculiar, tão bela – e isso não são meras palavras. (Lispector, 1984, p. 611).

Essas notas – em que a saudade leva a cronista a "recuperar Londres na memória", "antes que o sentimento passe" (Lispector, 1984, p. 613) –refazem as impressões não mais da turista aprendiz ou da antiturista, mas da viajante atenta à estranha e peculiar beleza de Londres e à sua história cultural – inscrita no cotidiano da cidade, em seus aspectos familiares e públicos, econômicos e sociais. A viajante, que conheceu Londres em 1950, já havia registrado em carta, com sutileza e argúcia, as singularidades do lugar:

Gostamos muito de Londres. Não era como eu pensava. É menos evidente. (...) Não é como Paris que é imediatamente e claramente Paris. É preciso ir pouco a pouco entendendo, pouco a pouco reconhecendo. E depois a pessoa começa a gostar. (Lispector, *apud* Gotlib, 1995, p. 277).

Assim, as impressões da Clarice viajante são desdobradas e reelaboradas pela cronista, que volta a lançar mão de sua veia pictó-

rica, com toques impressionistas. E o olhar perscrutador – atento à psicologia dos londrinos – também ajuda a compor o retrato afetuoso das pontes e do povo de Londres:

A segurança de certos ingleses chega às vezes a se tornar engraçada. Nas ruas andam depressa, é um povo lutador. E se o mundo não fosse tão doloroso, seria bonito ver a luta pela sobrevivência. (Lispector, 1984, p. 612).

Esse mesmo olhar perscrutador e atento preside as observações sobre Washington – cidade em que Clarice reside de 1952 a 1959. Mais segura e consciente de suas concepções estéticas, a viajante traça com precisão seu primeiro esboço da cidade americana, "vaga e inorgânica. É bonita, segundo várias leis de beleza que não são as minhas. Falta bagunça aqui, e não compreendo cidade sem certa confusão". (Lispector, *apud* Sabino, 2001, p. 91).

É nessa cidade – cuja "calma amedrontadora" é "horrível, mas é uma trégua" (Lispector, *apud* Sabino, 2001, p. 99) – que Clarice Lispector, ainda insegura quanto a seu novo estado de espírito, se percebe com "a alma mais sossegada" (*Idem*, p. 111). Deste modo, a "trégua de ambição e de outras coisas", a calma "que torna uma pessoa humilde sem humilhá-la" – percepções da escritora sobre a vida em Washington – são da cidade e estão em Clarice Lispector – que, provisoriamente, deixa a condição de "mulher sem lugar" e entra em sintonia com a cidade onde vive.

Não se encerram aqui as notas da Clarice Lispector viajante, mas aproveitamos esse seu momento de trégua e de apaziguamento interior para deixá-la – já não tão sozinha e exilada, pois, além da família, tem a companhia de Mafalda e Érico Veríssimo, casal com que convive em Washington.

Cética e inquieta; dotada de fina sensibilidade para apreender o espírito do lugar e da gente que nele habita; avessa às atitudes convencionalmente previstas nos guias turísticos, Clarice Lispector, enquanto esteve longe do Brasil, experimentou faces diversas: foi turista aprendiz, antiturista e, finalmente, a viajante capaz de fazer da viagem um elemento consubstancial à sua vida e à sua literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRÍTICA LITERÁRIA I

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice. Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

———. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

———. *Correspondências/Clarice Lispector*. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Fernando Sabino e Clarice Lispector. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.